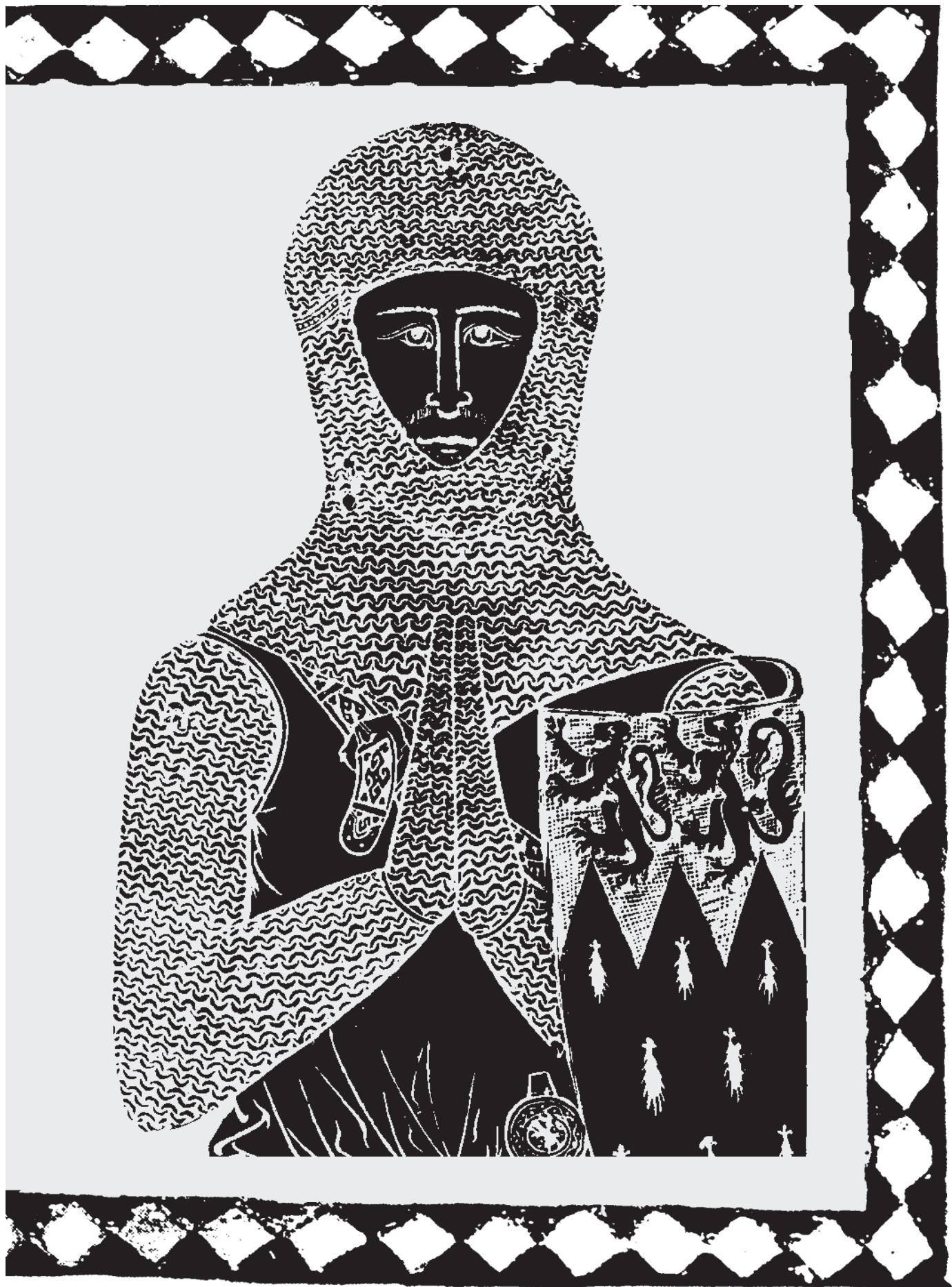


SÍLVIO DE ALMEIDA TOLEDO NETO

Em demanda das origens de
ARTUR

O livro *Artur e Alexandre, Crônica de Dois Reis*, de Antonio Furtado, publicado em 1995 pela Editora Ática, estabelece a analogia entre as biografias do rei Artur e do rei Alexandre da Macedônia, com o objetivo de demonstrar que a história básica de Artur utiliza como fonte um conjunto de textos gregos e latinos sobre Alexandre, escritos nos primeiros três séculos de nossa era. Esse material teria sido agregado em torno do escasso núcleo de referências bretãs ao nome de Artur.

Os escritos de origem bretã apresentam Artur tanto como um guerreiro ou chefe militar, personagem cuja historicidade ainda hoje é discutida, quanto como personagem relacionada ao maravilhoso. Desde o século IX, quando Nennius compila a *Historia Britonum*, menciona-se a existência de um chefe de guerra (*dux bellorum*) chamado Artur, que combate junto aos reis bretões nas doze batalhas vitoriosas contra os invasores saxões convocados pelo rei Vortigern.



O desempenho de Artur é especialmente notável na última batalha, ocorrida no cerco do monte Badon, ocasião em que mata, sozinho, novecentos e sessenta inimigos. Antes da *Historia* de Nennius, o *De Excidio Britanniae* de Gildas relata como os bretões, sob a liderança de Ambrósio Aureliano, vencem batalha decisiva contra os invasores saxões no cerco do monte Badon, e, na *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*, escrita por Beda no século VIII, também consta a batalha do monte Badon, mas nenhum dos dois textos menciona Artur. Registra-se ainda o nome de Artur em três anexos tardios da *Historia Brittonum*: os *Annales Cambriae*, as *Genealogias Galesas do Século X* e os *Mirabilia*. Os *Annales Cambriae* registram a batalha de Badon, em que Artur carrega a cruz de Cristo aos ombros por três dias e três noites dando vitória aos bretões, e a batalha de Camlann, em que caíram Artur e Medraut. Os *Mirabilia* relatam duas maravilhas referentes a Artur: as pedras de Carn Cabal que, quando retiradas, retornam sozinhas ao lugar e o túmulo de Amr, filho de Artur, que muda de tamanho. As *Genealogias Galesas do Século X* informam que Artur é bretão, filho de Petr e pai de Nougoy. No século XI, as vidas dos santos galeses Cadoc, Patern e Carantoc apresentam Artur como um guerreiro e, pela primeira vez, como rei, cujos atos, porém, se caracterizam como mesquinhos e tirânicos. O monge William of Malmesbury, em sua *Gesta Regum Anglorum* concluída em 1125, liga as duas tradições referentes à batalha do monte Badon, apresentando Artur como guerreiro do rei Ambrósio Aureliano. Menciona Artur por duas vezes: no cerco do monte Badon, Artur ajuda Ambrósio Aureliano a rechaçar os saxões, levando a imagem da Virgem Maria cosida a suas armas, e elimina, sozinho, novecentos inimigos. Diz ainda que, como a sepultura de Artur nunca havia sido encontrada, criou-se a lenda de que ele retornaria.

Para além das crônicas, o nome de Artur aparece ainda em poemas e contos galeses. No poema *The Spoils of Annwfn* (ca. 900), descreve-se uma viagem de Artur e seus companheiros a uma cidade, onde obtêm um caldeirão mágico. Nos *Mabinogion* (século XI),

Artur é mencionado, por exemplo, no conto intitulado *Culhwch ac Olwen*, segundo o qual o herói Culhwch deve cumprir diversas tarefas aparentemente impossíveis para casar-se com Olwen, filha do gigante Ysbaddaden. Com a ajuda de Artur e seus homens, as tarefas são cumpridas, o gigante é morto e Culhwch casa-se com Olwen. O *Livro Negro* de Carmarthen, fragmento de oitenta versos do final do século XII, conta que Artur, para entrar em uma fortaleza, deve relatar os feitos de seus cavaleiros ao porteiro Glwelwyd Gefaelvawr.

Como se vê, os textos bretões mencionados dão apenas informações fragmentárias sobre a vida e os feitos de Artur. É no século XII, porém, com a *Historia Regum Britanniae*, escrita por Geoffrey of Monmouth e acabada por volta de 1138, que surge a biografia básica de Artur, transformando-o de um chefe militar, cujo maior feito é ter vencido os saxões, em um rei que trava batalha contra os romanos porque deseja dominar o mundo inteiro. Segundo a *Historia*, Artur é filho de Igerne e do rei Uterpendragão, que o gera ao assumir a semelhança de Gorlois, marido de Igerne, por artifício de Merlim. Após a morte de Uterpendragão, os nobres bretões solicitam a consagração de Artur como rei o quanto antes, devido às revoltas que os saxões promovem por menosprezar as qualidades bélicas de rei tão jovem. Apesar da idade de quinze anos, Artur destaca-se por sua bravura e generosidade. E, quando é coroado, distribui bens a seus guerreiros, mas as riquezas do reino não são suficientes para recompensar a todos. Por isso, Artur resolve subjugar os saxões a fim de poder compensar todos os seus homens com as riquezas obtidas. Partindo para York, os bretões derrotam e sitiaram os saxões, mas recuam à chegada de reforços da Germânia. Então, Artur convoca a ajuda de seu sobrinho, rei Hoel, da Armórica, e, juntos, derrotam o cerco saxão à cidade de Kaerluideoit impelindo os inimigos para a floresta de Calidon. Acuados, os saxões pactuam sua saída, mas arrependem-se e voltam a atacar os bretões numa batalha decisiva em que são aniquilados aos milhares, cabendo a vitória final a Artur. Em seguida, Artur derrotou os pictos e escotos que haviam sitiado

SÍLVIO DE ALMEIDA TOLEDO NETO é mestreando em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo.

Artur e Alexandre, Crônica de Dois Reis, de Antonio L. Furta-do, São Paulo, Ática, 1995.



Hoel em Alclud, além de cercar e aniquilar os fugitivos refugiados nas ilhas do lago Lomond. Depois de restaurar a antiga dignidade de toda a pátria, Artur casa-se com a bela Genevra, descendente de nobre família romana e educada na casa do duque Cadôr.

No verão seguinte, Artur subjuga os reinos da Irlanda e da Islândia. Retorna à Bretanha e governa em paz por doze anos, período em que se espalha a fama de sua generosidade e probidade ao mesmo tempo que o temor de sua bravura. Diante disso, Artur resolve dominar toda a Europa e submete, inicialmente, a Noruega e a Dinamarca. Em seguida, Artur dirige-se à Gália, província romana governada pelo tribuno Flolo. Por causa dos resultados desastrosos do cerco de Artur à cidade de Paris, Flolo propõe que ambos se enfrentem em combate singular para decidir a sorte do reino. Após vários embates, Artur consegue a vitória e submete também as outras províncias da Gália. Passados nove anos, na ocasião da festa de Pentecostes, Artur convoca corte plenária na Cidade das Legiões para ser coroado juntamente com Genevra. Depois das cerimônias e do banquete, os guer-

reiros passam três dias entretidos com jogos e Artur distribui benefícios a seus homens. Enquanto assim procede, chegam legados de Roma trazendo intimação de Lúcio Híbério, procurador da República, exigindo pagamento de tributo. Artur responde que não pagará tributo mas, pelo contrário, reclama-lo-á a Roma, e prepara a expedição com destino às terras dos alobrogos, onde enfrentaria os romanos. Antes, porém, deixa como governante da Bretanha o sobrinho Morderete. Perto do porto de Barfleur, no monte Saint-Michel, Artur derrota um gigante que havia raptado Helena, sobrinha de Hoel. Segue viagem e acampa à margem do rio Alba, perto de Lúcio Híbério e seu exército. Envia legados para intimar os romanos a se retirarem da Gália ou então combaterem os bretões. Diante da negativa do procurador e das declarações de Gaio Quintiliano, os mensageiros bretões lutam contra os romanos e fogem. Após avanços e recuos tanto dos bretões quanto dos romanos, os bretões vencem a batalha. Lúcio Híbério, então, dirige-se a Langres, mas Artur antecipa-se a tomar o mesmo caminho. Os dois exércitos combatem-se feramente. De súbi-

Ilustração da Bíblia Maciejowski, francesa (1250): a figura mostra uma variedade de elmos, armas e armaduras e a eficácia da espada de combate

to, a retaguarda romana é dizimada por uma divisão bretã que se encontrava na reserva. Os romanos restantes são executados, enquanto os chefes bretões mortos são sepultados solenemente. Após o inverno, Artur conquista as cidades dos alobroges, mas quando pretende ir a Roma, é informado de que Morderete usurpara a coroa da Bretanha e tem que retornar. Morderete alia-se a Chelric, aos pictos e aos escotos, causando grande dano ao exército bretão que com dificuldade o faz retroceder. Junto ao rio Kamblan, Artur e Morderete organizam os seus exércitos, que se enfrentam com furor, até que a divisão de Artur ataca a divisão de Morderete e este é morto pelo próprio Artur, ao mesmo tempo que Artur, ferido mortalmente, é levado à ilha de Avalon.

Além das fontes bretãs, Geoffrey declara que se baseou também num certo “livro antiqüíssimo” dado a ele por Walter, arqui-diácono de Oxford. A menção insistente desse livro não deve ser um mero recurso para buscar credibilidade na *auctoritas* de textos antigos, mas Geoffrey deve ter consultado não só um livro, mas livros que tratassem da história de Alexandre, cujos detalhes foram acrescentados às poucas informações contidas nas fontes de origem bretã, para compor a biografia de Artur.

A *Historia* de Geoffrey inspira obras subsequentes, como o *Roman de Brut*, terminado em 1155 e redigido pelo poeta normando Wace. Apresenta Artur como um rei justo que preside a tábua redonda, mencionada aqui pela primeira vez. A *Historia* de Geoffrey influi também nos subsequentes autores franceses que tratam de *matéria da Bretanha*, como Chrétien de Troyes, Marie de France, Robert de Boron e os ciclos anônimos de romance em prosa: a *Vulgata* e a *Post-Vulgata*, que florescem no século XIII. Mas, já a partir de Wace, Artur passa a segundo plano, dando lugar para que sobressaiam os feitos individuais dos cavaleiros da tábua redonda.

Alexandre, o Grande (356 a.C.-323 a.C.), rei da Macedônia, derrota o império persa, estende os seus domínios até a Índia e lança as bases para o mundo helenístico de reinos territoriais. Nasceu em Pela, na Macedônia, e era filho de Filipe II e Olímpias. No entanto,

segundo a lenda, seria filho de um rei egípcio, Nectanebo, que seduzira Olímpias transformado em serpente. Com o assassinato de Filipe em 336, o jovem Alexandre ascende ao trono com aprovação do exército; de imediato executa opositores, consolida relações diplomáticas e subjuga vários povos revoltosos. Na primavera de 334, Alexandre, ao atravessar o estreito de Dardanelos, inicia a expedição para conquistar o império persa, deixando a Europa sob o comando de Antipater. No mesmo ano, as tropas macedônias vencem o primeiro embate com os persas junto ao rio Granico. Avançam pela Ásia Menor, subjugando pelas armas as cidades que não se rendem, desde Pérgamo até Miriandro. Ocorre nova vitória decisiva dos macedônios contra os persas em batalha próxima a Isso. De Isso, Alexandre vai para a Síria e Fenícia, onde domina cidades como Biblos, Sidon e Tiro. Parte da Síria para o sul, encontrando resistência apenas em Gaza. Em novembro de 332 entra no Egito e, durante o inverno, organiza o país e funda a cidade de Alexandria. Em 331, retorna a Tiro, de onde avança para a Mesopotâmia, caminhando de Tapsaco, no Eufrates, até o rio Tigre. Dario, sabendo do itinerário de Alexandre, envia tropas ao Tigre para enfrentá-lo. Travam batalha na planície de Gaugamela e, nesse embate, Alexandre aniquila o exército persa e persegue os sobreviventes, mas não consegue pôr as mãos em Dario, que escapa com soldados para o interior da Média. Em perseguição a Dario, Alexandre parte da Babilônia para a Pérsia, atravessando Persépolis e Pasárgada até chegar, em 330, à capital da Média, Ecbátana. No verão de 330, a caminho das províncias orientais através de Raga e das Portas Cáspias, Alexandre é informado de que Dario fora deposto e morto por Besso, sátrapa da Bactria. Alexandre avança rapidamente para o leste até Frada e, a partir daí, chega ao país dos paropamisadas. Enquanto isso, Besso arma uma revolta nas satrápias ocidentais da Bactria, ostentando o título usurpado de Grande Rei. Alexandre traz seu exército a Drapsaca e marcha até Bactra-Zariaspa atravessando o rio Oxo. Daí, é enviado Ptolomeu, general de Alexandre, a capturar Besso, que, mandado para a Bactria, é mutilado e executado em

público. Em 328, Alexandre chega a Jaxartes, nos limites do império persa, onde submete os cílios e os massagetas. Ataca Oxiartes e outros chefes que resistem em Paretacene. Em sinal de reconciliação, Alexandre casa-se com Roxana, filha de Oxiartes. No início do verão de 327, Alexandre parte da Bactria com seu exército com nova organização e, na primavera de 326, depois de atravessar o Indo, entra em Taxila, cujo governador lhe fornece elefantes e armas em troca de auxílio contra seu inimigo Poro. Segundo a lenda, Alexandre vence Poro em combate singular e submete o seu povo. Quando chega ao rio Hifasis, o exército se amotina e recusa-se a prosseguir viagem, o que o obriga a iniciar o caminho de volta. Antes de partir, Alexandre faz erguer um altar para cada uma das doze divindades olímpicas e faz construir uma grande frota. Descem até o Indo, metade das forças por água e metade por terra. Atravessam a costa da Gedrosia, o que resulta desastroso tanto para os que vinham por terra, por causa das intempéries, como para os que vinham por água, que sofrem muitas baixas. Ao retornar Alexandre age severamente contra casos de má administração, substituindo ou punindo governadores faltosos. De volta a Susa, na primavera de 324, promove uma festa em que se casa com uma filha de Dario chamada Barsine. Versão diferente conta que se teria casado com uma outra Barsine, que havia recebido educação grega e pertencia à linhagem real. Subitamente, no ano de 323, quando ocupava-se com a melhora da irrigação do Eufrates e com a colonização do golfo pérsico, Alexandre adoece após um banquete e, depois de dez dias, morre e é sepultado em Alexandria. Mas, segundo a lenda, a morte de Alexandre teria sido causada por envenenamento, a mando de Antipater.

A biografia de Alexandre é relatada por duas categorias de texto: os textos de maior valor histórico, escritos nos primeiros séculos de nossa era, provavelmente baseados em fontes primárias, como as obras de Quinto Cúrcio e Trogo, escritas em latim, e de Plutarco, Arriano e Diodoro Sículo, escritas em grego. Há também fontes lendárias, sendo a principal é o *Romance de Alexandre*, escrito no século II por um autor anônimo a

quem denominam pseudo-Calístenes. Esse romance é transmitido para a Idade Média por meio de versões latinas, como a *Res Gestae Alexandri Macedonis*, de Júlio Valério, obra abreviada em uma *Epítome* no século IX, e a *Nativitas et Victoria Alexandri Magni*, do arcebispo Leão de Nápoles, também do século IX, fonte da *Historia de Preliis*. Além disso, há uma “Carta de Alexandre a Aristóteles sobre as Maravilhas da Índia”. A história de Alexandre entra na literatura francesa no primeiro terço do século XII, quando o poeta Albéric de Briançon escreve um *Alexandre* em verso, a que sucede ainda um outro *Alexandre* em verso, escrito por volta de 1160-1165; seguem-se outras versões atualmente perdidas. Toda essa matéria é reunida por Alexandre de Paris em seu *Roman d’Alexandre*, escrito em dodecassílabos rimados, que, a partir dessa obra, passam a chamar-se também alexandrinos.

Salvo a maior parte dos textos franceses, que são posteriores à *Historia*, Geoffrey pode seguramente ter utilizado todas as fontes latinas mencionadas. De fato, a comparação sistemática entre as biografias de Artur e Alexandre permite a identificação de analogias que contêm um número de características suficientes para confirmar que constituem evidências de intertextualidade, o que ocorre tanto em relação às estruturas gerais quanto à semelhança de alguns episódios.

O tema do nascimento mágico é comum a Artur e a Alexandre, pois, em ambos os casos, um rei apaixonado por uma rainha muda de aparência por ação de um encantamento que ocorre graças à intervenção de um mago. No caso de Artur, é Merlim que intervém, quando o rei Uterpendragão apaixonado por Igerne, esposa de Gorlois, a qual está na cidadela de Tintagel, enquanto o marido encontra-se em campanha militar. A conselho de Urfino de Ridcaradoch, seu parente e companheiro de luta, Uterpendragão recorre a Merlim que, com seus medicamentos, dá-lhe a figura de Gorlois; a Urfino, a figura de Jordão de Tintagel, familiar de Gorlois; e a ele mesmo, a figura de Bretel. Ao cair da noite, os três rumam para Tintagel e Uterpendragão coabita com Igerne que, enganada pela aparên-

Representação de Sir Robert de Bures, na Igreja de Todos os Santos, Acton, Inglaterra (1331): o cavaleiro está equipado com uma armadura num estilo antiquado



cia de Uterpendragão, satisfaz-lhe os desejos e concebe Artur.

Segundo a lenda, o pai de Alexandre é o rei Nectanebo que, tendo fugido do Egito, oferece-se como mago na capital da Macedônia; é chamado a servir a rainha Olímpias, quando seu marido, o rei Filipe, está em campanha militar. Nectanebo apaixonou-se ardentemente pela rainha e deseja seduzi-la. Então diz a ela que, por meio dele, o deus Amon dar-lhe-ia um filho. À noite, Nectanebo transforma-se em serpente ou dragão, o que varia segundo a versão da lenda, engana a rainha com sua aparência e, deitando-se com ela, gera Alexandre.

Além do nascimento mágico, outro tema comum na vida dos dois reis é a ascensão ao trono. Quando ascendem ao trono, tanto Artur quanto Alexandre o fazem por causa da morte do pai, em período politicamente conturbado. Mas, apesar da pouca idade, conseguem derrotar os inimigos e ampliar os seus domínios. Com a morte de Uterpendragão, os barões solicitam ao arcebispo Dubrício a consagração de Artur como rei, temendo serem atacados pelos saxões, que já haviam subjulgado parte da ilha. Artur vence os saxões, chefiados por Colgrin, a quem sitia em York. Baldulf, irmão de Colgrin, vem libertá-lo em ataque noturno, no entanto é rechaçado por Cador, duque da Cornualha. Posteriormente, Baldulf consegue entrar na cidadela disfarçado de menestrel. Com a chegada de reforços do inimigo, Artur retira-se para Londres. Em assembleia, decide convocar seu sobrinho, o rei Hoel, na Armórica. Juntamente com Hoel, Artur desbarata o cerco saxão em Kaerluideoit, cidade localizada sobre um monte. Os sobreviventes refugiam-se na floresta de Calidon, protegendo-se em meio às árvores. Depois de três dias sitiados, quando já faltava alimento, os saxões pactuam sua saída entregando ouro e reféns. Já em viagem de volta à Germânia, os saxões arrependem-se, invadem novamente a Bretanha e sítiam Badon, diante do que Artur apressa-se em organizar suas forças. Em seu discurso aos homens, enfatiza a certeza da vitória contra o ímpio inimigo sob a proteção de Cristo, com o que concordam as palavras do arcebispo Dubrício, segundo as quais a missão dos bretões, como

cristãos, é defender a sua pátria dos pagãos até a morte honrosa em combate. Em seguida, Artur arma-se de couraça, capacete de ouro com o simulacro de um dragão, o escudo Pridwen, com a imagem de Santa Maria, a espada Excalibur e a lança Ron.

Após os sucessivos ataques bretões, os saxões refugiam-se sobre um monte e advém um primeiro insucesso aos bretões porque os inimigos investiam de posição mais elevada. Artur indigna-se com a situação desfavorável dos bretões e, então, saca Excalibur, invoca Santa Maria, e avança sobre o exército inimigo, seguido por seus homens em formação cerrada, e, sob a invocação divina, aniquila o exército inimigo. Restam somente Cheldric e suas tropas, que são dizimadas pelo duque Cador, enquanto Artur vai para Alclud socorrer Hoel, que está sitiado pelos pictos e escotos. Outra vitória de Artur ocorre contra os reis das ilhas. Artur expulsa os bárbaros de Alclud, que se refugiam nas sessenta ilhas do lago Lomond. Artur repele energicamente reforços inimigos vindos da Irlanda e trata com crueldade os pictos e escotos sitiados nas ilhas. Diante disso, os bispos lideram o clero desses lamentáveis povos, que vão a Artur com os pés descalços, portando relíquias e objetos sacros, a fim de pedir misericórdia do povo ainda restante e uma sorte de terras, o que provoca a compaixão do rei, que lhes concede o favor.

Com a morte de Filipe, o jovem Alexandre ascende ao trono com aprovação do exército; de imediato, executa opositores, consolida relações diplomáticas e subjuga vários povos revoltosos. Depois, marcha para o sul e recupera a confiança das cidades gregas. Abafa revoltas em Tebas e estabelece alianças diplomáticas com os celtas e os tríbalos. Entre os seus maiores feitos bélicos, está a vitória sobre a cidade-ilha de Tiro. Após a tomada de Biblos e Sidon, Alexandre faz um cerco que dura sete meses à cidade de Tiro. Sonha que captura um sátiro, o que os adivinhos interpretam dividindo a palavra “sa-tyros”, de modo a entendê-la como significando “Tiro será tua”. Finalmente, em 332, a cidade é dominada em meio a grande morticínio e escravização de mulheres e crianças.



Mas além das conquistas empreendidas pelo exército, Artur e Alexandre submetem um povo por meio de vitória em combate singular. Artur derrota Flolo, tribuno da Gália. Este marcha ao encontro de Artur com todo o exército, mas, na luta, leva a pior devido a ser o exército bretão insuperável em força e em número de homens, e, como não pode oferecer resistência, foge, com poucos homens, para Paris. Mas quando Flolo preparava-se para o contra-ataque, Artur sitia a cidade. Diante da morte de muitos de seus homens por inanição, Flolo, que é de grande estatura, desafia Artur para um combate singular cujo prêmio seria o reino do perdedor. Numa ilha fora da cidade, enfrentam-se à vista dos dois exércitos e Artur é seriamente ferido. Quando os bretões estão prestes a invadir o campo da luta, Artur levanta-se repentinamente protegido por seu escudo e, com Excalibur em punho, dá um golpe certeiro na cabeça de

Flolo. Sabendo da vitória, os da cidade entregam-na a Artur.

Da mesma forma que Artur trava combate singular com Flolo, Alexandre trava-o com Poro. Como Poro percebe que o seu exército está em desvantagem no combate contra os macedônios, propõe a Alexandre que travem combate singular para decidir a guerra, obtendo como prêmio o domínio sobre o povo do rei perdedor. Os povos assistem ao combate, cada um disposto de um lado do campo. Durante a luta, Poro, que é de grande estatura, vira-se para olhar os seus homens que gritavam e oferece oportunidade para que Alexandre, de rompante, corte-lhe a cabeça. Cessa, então, a luta e Alexandre é adorado como um deus pelos inimigos.

Outro ponto comum entre Artur e Alexandre é serem desafiados pelos maiores impérios de sua época. Enquanto Artur é desafiado por Roma, Alexandre é desafiado pela

Detalhe do Romance de Alexandre (1338-44), mostrando dois cavaleiros usando armaduras ligadas por um forro e sem uma cobertura

Pérsia. São enviados legados de Roma a Artur, os quais trazem uma carta insolente na qual Lúcio Híbério aconselha Artur a desistir da loucura de combater Roma, invadindo inclusive territórios que a ela pertencem, e exige dele tributo, argüindo que todo o mundo deve obediência ao senado romano e que, por direito, Artur e seus vassallos são tributários de Roma e devem voltar a pagar o exigido. Portanto, Artur é intimado a ir até Roma para prostrar-se diante do senado e ouvir a sua sentença. À vista dessa mensagem, Artur delibera com os seus homens de armas e todos se mostram favoráveis a atacar Roma. Envia, pelos emissários do inimigo, a mensagem de que não pagaria tributo a Roma nem se prostraria a seu poder, antes iria reclamar-lhe tributo e obediência.

Dario, rei da Pérsia, o mais poderoso império da época de Alexandre, também envia legados a Alexandre, após a sua vitória em Gaza. Os mensageiros lêem uma carta em que Dario, nomeando-se filho do sol, considera vã a busca de glória pela expedição de Alexandre, enaltece o poderio dos persas e menospreza o exército macedônio. Aconselha Alexandre a desistir de sua empresa, que é considerada um ato de loucura. Caso contrário, Alexandre seria capturado e crucificado.

Após estabelecerem a paz no reino, Artur e Alexandre se casam com mulheres que se destacam por sua extrema beleza; descendem de família do império inimigo, mas foram educadas segundo a cultura do país do rei (no caso de Alexandre, somente a segunda Barsine). Artur restabelece a paz no reino, casa-se com Genevra, mulher de notável beleza, descendente de nobre família romana, mas criada em casa de um bretão, o duque Cador. Convoca corte plenária, com todos os seus vassallos, na Cidade das Legiões, a fim de usar coroa diante de todos os povos a ele submetidos. Comparecem à celebração muitos reis, cônsules e heróis de aquém e de além-mar, demonstrando que Artur é amado em todos os seus domínios por sua generosidade. O rei é levado em procissão à sé, onde é coroado, e a rainha Genevra é levada à igreja das donzelas consagradas, onde é coroada, após o que celebra-se em ambas as igrejas o culto divino. Seguem-se, em castelos separa-

dos, segundo antigo costume troiano, os banquetes do rei e da rainha. Depois, os homens de Artur passam três dias entretidos com diversos jogos e, no quarto dia, são convocados a receber muitos benefícios.

Alexandre casa-se com Roxana, filha de Oxiartes, com Barsine, filha de Dario, e com uma outra Barsine, descendente do inimigo, mas que havia recebido educação grega. Depois da conquista de quase toda a Pérsia, Alexandre trava combate com o sátrapa Oxiartes, um dos chefes remanescentes dos persas, que ainda resistem às investidas dos macedônios. Após a vitória, Alexandre é convidado a um banquete promovido por Oxiartes e, durante a celebração, conhece Roxana, filha de Oxiartes, que era muito bela. Alexandre casa-se com Roxana como sinal de reconciliação entre macedônios e persas. A tradição confunde essa Roxana com a filha de Dario, chamada Barsine ou Stateira, com quem Alexandre se casa posteriormente. Depois, casar-se-ia ainda com outra Barsine, viúva de um mercenário grego, descendente do inimigo, mas que havia recebido educação grega. No tempo em que Alexandre acabara de pacificar toda a Pérsia, casa-se com a filha de Dario. No dia seguinte, senta-se no altar com uma coroa de ouro sobre a cabeça e recebe Roxana, filha de Dario, que se aproxima coroada e, como rainha, senta-se ao seu lado. Com essa união, os persas exultam e promovem culto a seus deuses.

Após deixarem um governante em seu lugar, Artur e Alexandre travam batalha decisiva contra o maior império de sua época. Artur prepara expedição com destino às terras dos alobroges, onde enfrentaria os romanos. Antes, porém, deixa como governante da Bretanha o sobrinho Morderete.

Alexandre, por sua vez, antes de atravessar o estreito de Dardanelos e iniciar a expedição para conquistar o império persa, deixa a Europa sob o comando de Antipater.

Artur acampa em local estratégico à margem do rio Alba, perto de onde estão Lúcio Híbério e seu exército. Envia Boso de Oxford, Gerin de Chartres e Galvão como mensageiros para intimar Lúcio Híbério a se retirar da Gália ou então combater contra os bretões, a quem Lúcio Híbério responde que

não se retirará, e seu sobrinho, Gaio Quíntiliano, acrescenta que os bretões valiam mais pelas suas palavras do que por seus atos. Tendo feito tal afirmação, é atacado e degolado por Galvão; os mensageiros fogem, são perseguidos e lutam, matando muitos romanos. Seis mil bretões, que estão na floresta à espera de seus chefes, combatem e expulsam os romanos perseguidores. O senador Petreio Cota ajuda os romanos, fazendo os bretões recuarem para a floresta, enquanto Hidero traz reforços bretões. Boso penetra pelas fileiras cerradas do exército romano e consegue atacar e capturar Petreio, ao mesmo tempo em que ocorre grande morticínio do qual os bretões saem vitoriosos e com muitos despojos e cativos, que serão escoltados até Paris e lá encarcerados. Mas, a caminho, os romanos surpreendem a escolta dos bretões numa emboscada para libertar os cativos, e os bretões só saem vitoriosos pela chegada oportuna de reforços, matando muitos comandantes romanos. Lúcio Hiberno, angustiado com o que acontecera, dirige-se com o seu exército a Langres, ao que Artur, sendo informado do seu itinerário, antecipa-se a tomar o mesmo caminho. Artur distribui as tropas em unidades: uma legião na reserva ao lado de sete divisões, parte de cavaleiros e parte de infantes. A infantaria dispõe-se em quadrado e, enquanto avança, sobrevém-lhe a cavalaria, que se desloca em movimento oblíquo e em formação cerrada. A ala direita é chefiada por Augustelo, rei da Albânia, e a esquerda por Cadur, duque da Cornualha, e há diversas tropas na retaguarda. O rei, por sua vez, lidera uma das legiões. Antes da batalha, sob a effigie do dragão dourado, Artur exorta seus homens com um discurso elogiando seus feitos, as riquezas que ganharão e menosprezando o inimigo. Lúcio Hiberno, por sua vez, está decidido a não retroceder diante da emboscada dos bretões, e também exorta seus homens a espelharem-se na bravura de seus antepassados. O exército, composto apenas de infantes, dispõe as divisões em forma de cunha, tendo à frente, como estandarte, uma águia dourada. Soam as trombetas, e os exércitos, de lanças em riste, avançam. Combatem-se ferozmente ambos os exércitos cujas

destreza e bravura fazem tombar muitos guerreiros de ambos os lados. Eis que, durante o tumulto da batalha, precipita-se pela retaguarda romana uma divisão bretã que se encontrava na reserva e consegue desbaratar o exército inimigo dando a vitória aos bretões. Os romanos restantes, que fogem para esconder-se, são perseguidos, capturados, pilhados e mortos. Quanto aos chefes bretões mortos, são sepultados com grande solenidade.

A batalha decisiva entre Alexandre e o império persa ocorre na planície de Gaugamela. Como o exército de Dario não decide atacar os macedônios, Alexandre, disfarçado de emissário, vai ao encontro de Dario e diz-lhe que se renda ou parta imediatamente para o ataque. Dario não se perturba com essa intimação. À noite, durante a celebração de um banquete, Alexandre é reconhecido, mas consegue escapar a tempo e voltar a salvo para o seu acampamento graças à tocha que portava, enquanto os persas perdem o rumo na escuridão. No dia da batalha, Alexandre dispõe o exército com a cavalaria à frente da infantaria, para protegê-la. Na ala direita, colocam-se diversos esquadrões de cavalaria entre os quais o esquadrão real, comandado por Cleito, o Negro, a quem segue a infantaria. O destacamento de Ceno fica na reserva. Na ala esquerda, vem à frente a cavalaria, seguida da infantaria. Na retaguarda, há uma forte divisão e as forças de reserva são dispostas ao lado, para facilitar a mobilidade no caso de serem cercados, e as últimas fileiras andam viradas de costas para evitar a surpresa de um ataque pela retaguarda. Alexandre comanda a ala direita, cuja tática é o movimento oblíquo. Alexandre veste armadura e capacete de aço reluzente, cravejado de pedras preciosas, além da túnica e do manto. Empunha uma espada presenteada pelo rei da Cítia e uma lança. Depois disso, exorta seus homens ao combate, interpela os deuses para que dêem coragem a seus homens, se ele é realmente filho de Zeus. Após isso, o adivinho Aristander reforça as palavras de Alexandre, pois indica presságio de vitória no vôo de uma águia. Dario dispõe na ala esquerda os cavaleiros, seguidos pelos car-

ros com lâminas nas rodas, ao lado dos quais há mais destacamentos de cavaleiros. Contígua aos cavaleiros dispõe-se a infantaria de diversas raças com a respectiva cavalaria. Seguem-se diferentes povos, tribos e depois uma coluna de caspianos diante de cinco carros, hindus e carros com lâminas junto com as tropas estrangeiras. Atrás, localizam-se as tropas de diversos povos, terminando a coluna os partianos. A ala direita compõe-se de vários povos e é provida de carros com lâminas. Dario exorta o exército a defender o seu território, suas famílias e honrar o império persa, protegido pelos deuses durante tanto tempo, menosprezando o poderio do adversário. Invoca o nome de Ciro para que lhes dê coragem para rechaçarem o inimigo de sua terra. Ao soar das trombetas, os exércitos avançam com os dardos em riste, Alexandre avança e penetra no exército inimigo em movimento oblíquo. Uma tropa de cavaleiros macedônios ataca a cavalaria persa que tentava cercar o exército macedônio pela direita. Alexandre penetra por uma brecha deixada pela cavalaria persa a fim de chegar até Dario, que, a tempo, abandona seu carro e foge para a Média, enquanto o exército persa é desbaratado. Alexandre sai ao encalço de Dario até Arbela, mas não consegue capturá-lo. Segue, então, para a capital do império Persa, Susa, que se rende a ele.

Depois das respectivas vitórias sobre Roma e Pérsia, Artur e Alexandre querem continuar a campanha vitoriosa mas têm de voltar. Passado o inverno, Artur conquista as cidades dos alobroges, mas, quando pretende dirigir-se a Roma, é informado de que seu sobrinho Morderete usurpara a coroa da Bretanha e unira-se à rainha Genevra. Artur deixa Hoel como comandante de uma parte do exército naquela região e retorna com os reis das ilhas e respectivos exércitos. Morderete pactua com o germânico Chelric, que lhe traz reforços para além dos pictos, escotos e irlandeses que lhe são aliados. Morderete causa grande dano ao exército de Artur que, com muito esforço, consegue reagir fazendo-o retroceder graças à disposição e às manobras engenhosas das divisões. Quando Morderete invade Winchester, a rainha

Genevra, desesperada, recolhe-se a um monastério na Cidade das Legiões. Perto do rio Kamblan, Morderete dispõe o seu exército em seis divisões e mais uma que compõe sua guarda pessoal. Artur dispõe o seu exército em nove divisões de infantaria, com forma quadrada. Os exércitos embatem-se bruscamente, de modo que há muitas mortes e ferimentos de ambos os lados. Depois, a divisão de Artur ataca a divisão comandada por Morderete e este é morto pelo próprio Artur. Enquanto isso, Artur, ferido mortalmente, é levado à afortunada e sempre fértil ilha de Avalon, próxima a Tylos e governada por nove irmãs.

Alexandre chega ao rio Hifasis, na Índia, que constitui o ponto final de sua expedição, já que seus homens recusam-se a continuar viagem. Segundo a lenda, Alexandre vai para a Babilônia, apesar dos presságios desfavoráveis. Como Antipater sente-se inseguro em relação a Alexandre manda seu filho, que é escanção de Alexandre, ministrar-lhe o veneno. Alexandre, pressentindo a morte, tenta lançar-se ao rio Eufrates para que não fosse encontrado e mantivesse sobre si a crença de que era divino. Mas sua mulher, Roxana, consegue alcançá-lo e reconduzi-lo ao leito. Morre em junho de 323, aos 33 anos de idade, sendo sepultado em ataúde de ouro na cidade de Alexandria.

A influência da história de Alexandre na formação da biografia básica de Artur constitui uma hipótese importante para a compreensão da origem não só da figura do rei Artur como também da *matéria da Bretanha*, pois amplia significativamente a importância dos relatos históricos na composição dos contos da Bretanha, ampliando também os limites da pesquisa de fontes para além das literaturas bretã e francesa. Cabe dizer que tem sido extremamente positiva a acolhida das pesquisas de Antonio Furtado em nível internacional, visto que vem apresentando os seus resultados nos congressos da Sociedade Arturiana, assim como publica-os regularmente na revista especializada em estudos arturianos *Quondam et Futurus*, editada pela Memphis State University, pela qual foi honrosamente convidado a pertencer ao *editorial board*ing.